
A agroecologia e o ecofeminismo como bases epistemológicas para o jornalismo ambiental¹

Júlia Petenon²

Isadora Pellegrini³

Reges Schwaab⁴

Universidade Federal de Santa Maria - UFSM
Universidad de la República (Uruguay) - UdelaR

Resumo

O presente texto articula reflexões sobre o jornalismo ambiental a partir da agroecologia e do ecofeminismo, pensando como ambos provocam o jornalismo e suas práticas. As correntes de pensamento agroecológicas e ecofeministas propõem visões horizontais e transformadoras sobre a relação entre o ser humano, os não humanos e suas relações nos territórios que compartilham. A partir de uma revisão bibliográfica, nosso ensaio reflexivo procura oferecer entendimentos sobre intersecções e sobre amplificações que os dois saberes trazem à base conceitual e à ontologia do jornalismo ambiental.

Palavras-chave: jornalismo ambiental; agroecologia; ecofeminismo; diálogo de saberes.

O trabalho debate formas de construir o conhecimento no jornalismo ambiental, com foco em sua base epistemológica e no questionamento das racionalidades que orientam o fazer jornalístico. Parte-se da ideia de Leff (2009) sobre a reconstrução de saberes, na emergência de um novo olhar para a relação sociedade e ambiente. A complexidade ambiental, no entremeio do real e do simbólico, demanda perspectivas como as da agroecologia e do ecofeminismo, capazes de tensionar discursos hegemônicos geradores da crise socioambiental (Amaral, Loose e Girardi, 2024).

A base das reflexões considera uma revisão bibliográfica exploratória (Loose e Girardi, 2021; Kuhnen, 2020; Haraway, 2009; Toledo, 2021; Leff, 2002). Utilizamos a revisão meta-síntese (Galvão e Ricarte, 2019) para identificar trabalhos pertinentes, com buscas em bases de dados científicas, *Google Acadêmico* e pela conexão tentativa com

¹ Trabalho apresentado no GP Comunicação, Divulgação Científica, Saúde e Meio Ambiente, do 25º Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 48º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal de Santa Maria - UFSM. Integrante do *milpa - laboratório de jornalismo* (CNPq/UFSM). E-mail: petenon.julia@acad.ufsm.br.

³ Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Informação da Universidad de la República (Uruguay). Bacharela em Jornalismo pela Universidade Federal de Santa Maria - UFSM. E-mail: isadora.pellegrini18@gmail.com.

⁴ Professor do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e do Departamento de Ciências da Comunicação da Universidade Federal de Santa Maria - UFSM. Coordena o *milpa - laboratório de jornalismo* (CNPq/UFSM). E-mail: reges.schwaab@ufsm.br.

referências a partir das palavras-chave “jornalismo ambiental”, “agroecologia” e “ecofeminismo”.

Autores como Ijuim (2025) e Silva e Schwaab (2023) reforçam a necessidade de um jornalismo comprometido com a transformação social. Ijuim (2025) destaca que o jornalismo deve dialogar com distintos setores da sociedade e repensar suas escolhas editoriais. Silva e Schwaab (2023) evidenciam a crise de credibilidade enfrentada pelo jornalismo, o que torna urgente a adoção de epistemologias que incluam questões urgentes e grupos vulnerabilizados. Nesse cenário, o jornalismo ganha relevância política no pensamento em direção à uma racionalidade ambiental (Leff, 2009).

A agroecologia não possui uma definição única. Partimos do entendimento da agroecologia como campo de saber, que une ciências, técnicas e práticas (Leff, 2002), em especial, pensando as práticas agroecológicas na América Latina, relacionadas aos movimentos sociais e rurais (Toledo, 2021). Ao mesmo tempo, o número de movimentos que adotam a agroecologia como filosofia tem aumentado (Toledo, 2021), compartilhando o pressuposto de que o ativismo é intrínseco a ela, como o é no caso do jornalismo ambiental (Loose e Villar, 2023).

O ecofeminismo, por sua vez, critica a lógica patriarcal ao mostrar a conexão entre opressão das mulheres e exploração da natureza. Na América Latina, Kuhnen (2020) amplia tal visão ao integrar raça, classe e gênero, propondo práticas como agroecologia e valorização de saberes ancestrais. Já Haraway (2009) afirma que todo conhecimento é situado e atravessado por relações de poder. Dessa forma, a complexidade da temática ambiental converge com a perspectiva ecofeminista, já que valoriza vozes diversas e se preocupa com as intersecções sociais.

Em um espectro amplo da pesquisa, foram coletados 12 textos. Já para este recorte, foram selecionados e analisados 4, sendo 2 acerca da agroecologia (Toledo, 2021; Leff, 2002) e 2 que discutem ecofeminismo (Kuhnen, 2020; Haraway, 2009). Percebe-se que, no campo da agroecologia, existe um modo específico de se pensar e relacionar com o ambiente, à vista do cuidado com a terra e com o outro, além de servir como uma ferramenta de transformação social, o que demonstra uma conexão evidente com o campo do jornalismo ambiental. Já o ecofeminismo propõe uma visão alinhada ao JA de troca e mudança de pensamento.

Sendo assim, a presente reflexão sintetiza uma proposição teórica em torno das interrelações aqui indicadas. Os resultados obtidos são interpretativos, propondo pensar como as noções de agroecologia e de ecofeminismo fazem trabalhar e (re)pensar o jornalismo ambiental. Concluiu-se também que para que o JA articule seu lugar nesse contexto, ele precisa descolonizar sua prática (Loose e Girardi, 2021). Nesse sentido, entendemos que quando usados como bases epistemológicas do jornalismo ambiental, os saberes da agroecologia e do ecofeminismo oferecem um intervalo crítico, consistente e provocativo para rever o fazer e as compreensões sobre a prática jornalística, abrindo-o para formas múltiplas de ser com o ambiente.

Referências

- AMARAL, M. F.; LOOSE, E. B.; GIRARDI, I. M. T (orgs.). **Manual para a cobertura jornalística dos desastres climáticos**. Santa Maria: FACOS-UFSM, 2024.
- GALVÃO, M. C. B.; RICARTE, I. L. M. Revisão sistemática da literatura: conceituação, produção e publicação. **Logeion - Filosofia da informação**, Rio de Janeiro, v. 6, n. 1, p. 57-73, 2019.
- HARAWAY, D.. Saberes localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial. **Cadernos Pagu**, Campinas, SP, n. 5, p. 7–41, 2009.
- IJUIIM, J. K. Paulo Freire e o compromisso do jornalista com a sociedade. In: MEDITSCH, E.; BALTAR, A.; ARAÚJO, J.; FRANCO, G.; FERRO, R. (orgs.). **Pedagogia do Jornalismo e Práticas Emancipatórias**. Florianópolis: Editora Insular, 2025, p. 169-174.
- KUHNEN, T. A. Marcha das Margaridas: apontamentos para um (eco)feminismo latino-americano. **Revista Polis**, n. 9, 2020.
- LEFF, E. Agroecologia e saber ambiental **Agroecologia e Desenvolvimento Rural Sustentável**. Porto Alegre, v.3, n.1, p.36-51, jan.-mar, 2002.
- LEFF, E. Complexidade, racionalidade ambiental e diálogo de saberes. *Educação e Realidade*, v. 34, p. 16-24, set-dez, 2009.
- LOOSE, E.; GIRARDI, I. M. T. Interfaces entre o debate colonial e os estudos de jornalismo ambiental. **Desenvolvimento e Meio Ambiente**, [S. l.], v. 58, 2021.

LOOSE, E. B.; BELMONTE, R. V. O ativismo no jornalismo no Jornalismo Ambiental: como quatro momentos-chave ajudaram a configurar uma prática engajada no Brasil. **Brazilian journalism research**, [S. l.], v. 19, n. 3, p. e1594, 2023.

TOLEDO, V. Agroecologia. In: KOTHARI, Ashish [et al.]. **Pluriverso**: dicionário do pós-desenvolvimento. São Paulo: Elefante, 2021, p. 192-195.

SCHWAAB, R.; DA SILVA, A. J. C. Perspectivas socioambientais e decoloniais como horizontes para um jornalismo outro no contexto latino-americano. **Pauta Geral - Estudos em Jornalismo**, [S. l.], v. 10, n. 1, 2023.